



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- *Campus Muzambinho* -

ALINY APARECIDA DA SILVA

THAIS ROSA DE LIMA

**QUESTÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DE ATIVIDADES
RELACIONADAS AO FUTEBOL:
UMA PROPOSTA CRÍTICO SUPERADORA**

**IFSULDEMINAS – campus Muzambinho
2012**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
- *Campus Muzambinho* -

ALINY APARECIDA DA SILVA

THAIS ROSA DE LIMA

**QUESTÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DE ATIVIDADES
RELACIONADAS AO FUTEBOL:
UMA PROPOSTA CRÍTICO SUPERADORA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciatura em
Educação Física, sob orientação do Prof.
Mestre Mateus Camargo Pereira.

**IFSULDEMINAS – campus Muzambinho
2012**

COMISSÃO EXAMINADORA

**Orientador: Prof: Ms. Mateus Camargo
Pereira**

Prof. (a): Ms. Lia Polegato Castelan

**Prof. (a): MS. Januária Andréa Souza
Rezende**

Muzambinho, 02 de Agosto de 2012

Agradecimentos

Eu Aliny Aparecida da Silva, agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado coragem, força e perseverança e ter tornado cada momento, alegre ou triste, motivo de grande aprendizado.

Aos meus pais, Maria do Rosário e José Vitor, razão de minha existência, pelo amor, carinho e dedicação de todos os dias, em todos os momentos.

Aos meus irmãos, Marcos, Mateus e Paulo, pelo apoio e momentos de partilha.

Ao nosso orientador, Mateus Camargo Pereira, pela paciência, pela força e por acreditar tanto em mim.

A todos os meus professores do IFSULDEMINAS, pelo grande conhecimento profissional e da vida que me passaram pelo respeito e paciência as minhas limitações. Minha eterna gratidão a vocês. Em especial a Professora Elisângela Silva e Wagner Zeferino de Freitas pela amizade, pelo apoio e carinho.

A os meus avós, Maria e José, pelas orações e apoio.

Aos meus amigos anjos que conheci em Guaxupé, em especial ao Matteus, Danilo, Dieison, Ana Paula, Marcelo e Malu, por estarem comigo em todos os momentos, por me ensinarem a caminhar sempre e nunca desistir, pelo crescimento, pelos conselhos e partilha transmitidos.

Aos amigos do Grupo de Jovens JUVECC (Jovens Unidos Vencerão com Cristo) pelas orações e por me ensinarem tanto sobre a vida.

As minhas amigas, Maria Rita, Lidia e Juliana pelo apoio, compreensão e por me estenderem a mão sempre na caminhada.

As minhas amigas do quarteto fantástico, Thais, Ana Kelly e Renata, que foram as primeiras pessoas com quem tive contato em Muzambinho.

A todos os meus amigos de Muzambinho, pelas experiências de vida e profissionais.

Aos meus primos, Sandra, Bruna e André, por estarem sempre presente.

A todos os professores que passaram pela minha vida, que com todo carinho e atenção me passaram seus conhecimentos profissionais e experiências de vida.

Aos meus tios, Nei, Nicéia, José Roberto, Leri, Anestina, José Miguel e Nalva, pela força, carinho e ajuda.

A todos aqueles, aos quais não citei o nome, mas que de uma forma ou outra se fizeram presente nesta caminhada de minha vida e sempre me ajudaram. A todos vocês o meu muito obrigada.

Eu, Thais Rosa de Lima, agradeço primeiramente a Deus por me guiar e iluminar em cada decisão tomada;

Ao orientador prof. Mateus Camargo Pereira, que com paciência e dedicação nos orientou e participou de nossa formação profissional;

A minha amiga Aliny Aparecida Silva, pela ajuda e compreensão quando precisei ausentar-me das atividades acadêmicas.

Aos professores que desempenharam com dedicação as aulas ministradas;

A minha família, que foi a base de toda minha formação por acreditar e motivar e tornar real o que até então era sonhado.

EPÍGRAFE

“Tudo posso naquele que me fortalece.”

(Filipenses – 4;13)

SILVA, Aliny Aparecida da; LIMA, Thais Rosa de. **Questão de Gênero através de atividades relacionadas ao Futebol: Uma proposta Crítico Superadora.** 2012. 54fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo abordar como a questão de gênero se manifesta na educação física escolar na prática de futebol em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II na Escola Estadual Secretário Tristão da Cunha da cidade de Divisa Nova, MG. O futebol apesar de ser uma prática esportiva tão popular, principalmente no Brasil é motivo de vários questionamentos quando se tem a participação de mulheres jogando, sendo que a participação feminina não bem é vista por algumas pessoas. Para a realização da pesquisa foi feito um planejamento de 10 aulas de acordo com a abordagem crítico-superadora. Através de análises e comparações dos resultados obtidos podemos concluir que as aulas desenvolvidas de acordo com a abordagem crítico superadora nos ofereceram suporte para que houvesse uma transformação e um entendimento da maioria dos alunos a respeito da participação de meninas no futebol.

Palavras chave: gênero, educação física escolar, abordagem crítico superadora, futebol.

SILVA, Aliny Aparecida da; LIMA, Thais Rosa de. **Questão de Gênero através de atividades relacionadas ao Futebol: Uma proposta Crítico Superadora.** 2012. 54fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

ABSTRACT

This study aimed to address the issue of gender is manifested in physical education at soccer practice in a class of 6th grade of elementary school in the State School Secretário Tristão da Cunha in the city of Divisa Nova, MG. The football despite being a sports so popular, especially in Brazil is a source of many questions when you're playing the participation of women, and female participation is not well seen by some people. For the research, planning was done of 10 classes according to the critical approach-surpassing. Through analysis and comparison of results we can conclude that the classes developed in accordance with the approach surpassing the critical support provided so that there was a transformation and an understanding of most of the students thought about the participation of girls in football.

Keywords: gender, physical education, critical approach to surpassing football.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Capítulo 1 – DISCUTINDO A QUESTÃO DE GÊNERO	15
1.1 Debatendo Conceitos	16
1.2 A questão de gênero na escola	18
1.3 Saindo do impedimento: A participação das mulheres no futebol.....	22
Capítulo 2 – O REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO – Tendência	
Crítico Superadora	27
2.1 Abordagem Crítico Superadora	27
Capítulo 3 – A PESQUISA DE CAMPO E SEUS RESULTADOS	31
3.1 Materiais e métodos	31
3.2 Relatório das aulas.....	32
Capítulo 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50
APÊNDICES	52

Introdução

O futebol é um dos esportes mais conhecidos no Brasil. Vemos suas manifestações em vários locais, nos estádios sempre lotados, na divulgação da mídia e até mesmo nas ruas onde é improvisado e jogado por crianças e adolescentes, ainda que o crescimento das cidades tenha reduzido os espaços para isso, restando as cidades pequenas e as periferias das grandes cidades.

De acordo com Coletivo de Autores (1992) a educação física escolar é a matéria que trata pedagogicamente de temas da cultura corporal, que são os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte, entre outros. Estes são os conhecimentos que compõem o conteúdo da educação física.

O futebol, sendo uma prática esportiva, como afirma Coletivo de Autores (1992) pode ser transmitido aos alunos em diversos aspectos, sendo eles: o futebol enquanto jogo e todos os fatores que o envolvem, enquanto contemplação esportiva, enquanto inserção no mercado de trabalho, enquanto jogo praticado de modo popular, enquanto manifestação cultural que encanta todo o mundo em especial o Brasil. Para isso é conveniente falar sobre uma possível história e analisar juntamente com o aluno, em um país como o Brasil, as diferenças existentes em vários âmbitos como o econômico, político, cultural e social, entre outros, diferenças estas que parecem não existir no momento em que é marcado um gol.

Apesar de ser uma prática esportiva tão conhecida e popular vemos que as mulheres sempre sofreram certa restrição ao praticá-lo, como afirmam Knijnik; Vasconcellos (2003). Atualmente elas participam de várias modalidades esportivas, entretanto, isso é muitas vezes motivo de questionamentos e sua participação não é pacificamente aceita no ambiente esportivo.

Várias práticas corporais e esportivas acabam como sendo exclusivamente de meninos ou de meninas. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes (KNIJNIK; ZUZZI, 2010).

A escola é um bom espaço para se trabalhar a questão de gênero por abordar várias questões da cultura podendo ser discutido problemas sociais e a

educação física como sendo a disciplina responsável pelos conteúdos da cultura corporal abre um grande leque para reflexões e práticas nesse sentido.

Visto que existe certo preconceito em relação à prática do futebol por mulheres, esta pesquisa tem por objetivo observar e identificar como a questão de gênero se manifesta na educação física escolar na prática de atividades associadas ao futebol em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental II e como nossa prática pode transformar manifestações preconceituosas. Com isso pretendemos oferecer subsídios para que profissionais da área possam discutir e trabalhar com essa delicada questão que gera grande polemica em nossa sociedade.

Para a realização do estudo utilizamos a perspectiva Crítico-Superadora, sendo que esta, segundo Darido (2012), faz uso do discurso social como apoio, reforça questões de poder, interesse, esforço e debate.

No capítulo 1 falaremos sobre a questão de gênero, a maneira de como ela interfere no comportamento dos indivíduos, como esta questão se manifesta na escola e sobre a participação das mulheres no futebol. O capítulo 2 discorre sobre o referencial teórico metodológico. No capítulo 3 apresentaremos a pesquisa de campo e seus resultados. Em seguida, finalizaremos o trabalho com as considerações finais.

Capítulo 1 – Discutindo a questão de gênero

A questão da cultura interfere muito sobre o corpo dos indivíduos porque quando a ele nos referimos não o reduzimos a sua dimensão biológica. Pensamos na integração de outras dimensões do ser humano como a psicológica, social e, principalmente, cultural. Transformações, conceitos e marcas são adquiridas ou impostas nas pessoas no decorrer do tempo sobre as influências culturais, elementos que direcionam nos indivíduos o que é belo ou disforme, forte ou fraco, certo ou errado, aptidão ou inaptidão para participar de certas situações na sociedade, sendo uma delas o esporte (GOELLNER, 2010).

Segundo Geertz (1989, 1997 apud DAOLIO, 2010) a cultura é a própria condição de vida dos seres humanos, sendo um produto de suas ações e um processo contínuo pelo qual os indivíduos dão sentido as suas ações. É um processo individual e privado, mas é também plural e público. É um processo universal porque todos os seres humanos a produzem, mas é também local, porque é específico dos objetivos reais de um grupo. A cultura é pública porque seus significados também são públicos. Os seres humanos fazem cultura todo o tempo, misturam símbolos e tornam os significados atuais para orientar suas ações, ou seja, estão “ressignificando” de modo contínuo suas ações no mundo.

O corpo é educado dentro da escola e também fora dela: na religião, na mídia, em todos os espaços sociais; nas recomendações sobre alimentação, vestuário, comportamento, gestos, saúde, práticas sexuais, qualidade de vida e inclusive na prática esportiva, nos projetos sociais e no lazer. A partir destas informações devemos entender que os nossos corpos são culturalmente construídos a partir de conceitos que a sociedade nos coloca ao longo do tempo, entendendo assim que o corpo é educado pela sociedade na sua totalidade (GOELLNER, 2010).

Apesar dos corpos serem parecidos no sentido biológico, quando olhamos suas especificidades notamos que eles são totalmente diferentes: falamos de corpos jovens, atléticos, saudáveis, femininos, masculinos, obesos,

malhados, doentes, com necessidades especiais, enfim, vários corpos diferentes e, através dessas distinções nossa cultura os coloca como desejáveis ou não desejáveis. Se analisarmos o padrão de corpo hegemônico, os corpos considerados desejáveis que são aqueles que estão adequados às representações que cada cultura elege, seriam os saudáveis, magros, heterossexuais e malhados; os não desejáveis seriam os feios, deficientes, obesos, lentos, velhos e com várias outras características que a eles são colocadas, características estas não apenas no sentido de diferenças, mas de desigualdades (GOELLNER, 2010).

1.1 Debatendo Conceitos:

Quando falamos em corpo e gênero é necessária uma distinção muitas vezes não percebida na sociedade, contrapondo gênero e sexo.

Por *gênero* entende-se a condição social por meio da qual nos identificamos como masculinos e feminino. É diferente de *sexo*, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa. O gênero, portanto, não é algo que está dado, mas é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino. Em outras palavras, o corpo é *generificado*, o que implica dizer que as marcas de gênero se inscrevem nele. (GOELLNER, 2010, p.75)

Faz-se necessário entender que ser diferente não significa ser desigual. O tratamento inadequado dessa questão tem gerado rótulos que excluem diversas pessoas de práticas socialmente atribuídas ao outro gênero. Isso exclui o estudante de vivenciar direitos sociais, tais como o esporte e ao lazer (GOELLNER, 2010).

As diferenças entre os gêneros são impostas desde o nascimento das crianças, vão sendo colocadas sobre elas o que é pertencente a um ou a outro grupo. A construção vai se desenvolvendo no diferente tratamento dado a meninos e meninas. Os padrões socialmente estabelecidos definem o que é feminino e masculino. Estes padrões vão sendo transmitidos através da educação e são confirmados nas “relações de gêneros”. O uso do conceito masculino e feminino é responsável pela grande diferença que existe nos

comportamentos e nos lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998)¹.

“É inegável que há muitas diferenças no comportamento de meninos e meninas. Reconhecê-las e trabalhar para não transformá-las em desvantagens é papel de todo educador.” (PCNs, 1998, p.322).

Quando falamos de inclusão em relação a gêneros, são colocados rótulos nos indivíduos, lhes impondo características, sendo que estas, várias vezes, são motivo de discriminação e exclusão. As práticas corporais e esportivas devem intervir no processo de cidadania e liberdade das pessoas. Os profissionais devem estar atentos às situações ocorridas no dia a dia porque várias delas reforçam o preconceito.

Várias pessoas têm sido excluídas de seus direitos na sociedade devido à sua aparência. Vemos este fato acontecer demasiadamente na educação física na prática e permanência em esportes. Isso ocorre devido a interferência da cultura do que grande parte da sociedade coloca como sendo adequado ou não (GOELLNER, 2010).

Situações comuns de acontecerem tanto dentro de salas de aula, como fora dela, são de pessoas que julgam o próximo pela sua aparência física. É comum se ouvir em aulas de educação física que uma criança baixa não conseguiu acertar a cesta do basquete porque é inapta a praticar o esporte devido a sua estatura, ou que um aluno obeso não fez toda a atividade porque é preguiçoso (GOELLNER, 2010).

Outro exemplo que podemos citar é de identificações de práticas corporais e esportivas que acabam como sendo exclusivamente de meninos ou de meninas. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes, sem que isso tenha uma justificativa plausível (GOELLNER, 2010).

Tal opinião de meninos e até das próprias meninas sobre a questão na participação de práticas corporais não foi formada sozinha, alguém os ensinou e lhes deu este exemplo. Estas opiniões vão sendo transmitidas pela família, por amigos, pela escola, enfim, por toda a sociedade.

¹Os Parâmetros Curriculares Nacionais serão citados somente pela sigla PCN's.

As pessoas passam estas informações de maneira espontânea de geração para geração. Tudo começa na construção de uma nova família, onde a mulher descobre que está grávida. Quando ficam sabendo que o bebe é menino, o pai logo coloca uma chuteirinha pendurada na porta do quarto do filho, compra a ele o uniforme do time do coração e a bola de futebol é deixada perto do berço da criança. Quando descobrem que o bebe é menina, logo é deixado a boneca no berço, bailarinas são pintadas nas paredes e o quarto é todo de rosa.

Meninas são estimuladas a ajudarem as mães dentro de casa desde cedo, enquanto os meninos brincam livres pelas ruas (GOELLNER, 2010).

A violência e o preconceito que algumas pessoas sofrem por pertencerem a determinada classe social, orientação sexual, habilidade física, etnia, entre outros, são visíveis em falas discriminatórias e sexistas para se referir ao seu semelhante. (GOELLNER, 2010)

Além das situações supracitadas, existem várias outras que tem gerado grande exclusão dos indivíduos na prática e permanência ao esporte, ao lazer, e aos seus direitos de cidadão.

Podemos verificar que existe exclusão no esporte, não somente pela questão de gênero, mas pela habilidade motora, pela força física, pela idade das pessoas que o praticam, pelo preconceito da família e de amigos.

Se formos observar um jogo de futebol, até mesmo aqueles jogados na rua por crianças, perceberemos que meninos não excluem as meninas de jogar somente pelo sexo, mas por não terem habilidade e força física como os meninos porque não são estimuladas a participar do esporte desde pequenas. Muitas vezes, as meninas se auto-excluem. O machismo não é monopólio dos meninos; acabou sendo internalizado pelas meninas também.

Sendo assim, se tem certa restrição com a participação das mulheres no esporte, porque no contexto da sociedade elas devem participar de atividades consideradas somente de meninas. Além de ser imposto a elas um padrão de beleza, de enfrentarem preconceitos com falas e gestos, quando praticam o esporte, tem sua identidade sexual colocada sobre suspeita.

1.2 A questão de gênero na escola

A escola é um lugar onde as crianças passam uma boa parte do seu tempo diário. É nesse local e tempo que diversas dimensões humanas (intelectual, física, cultural, social) são influenciadas. Certas questões ocorridas neste espaço merecem atenção e intervenção profissional entre elas a questão de gênero.

A escola intervém de várias maneiras no comportamento dos alunos, satisfazendo algumas curiosidades, respondendo perguntas, realizando diálogos sobre certos comportamentos, proibindo e permitindo manifestações; ela sempre está transmitindo aos alunos certos valores, que podem ser muito ou pouco rígidos. Isso irá depender da maneira como cada profissional atua, seus valores, formação etc (PCN,1998).

A atuação destes profissionais influencia a opinião dos alunos desde cedo, nas suas falas, nas suas atitudes, na maneira como agem e se expressam. Dessa forma, os alunos vão tirando suas conclusões e opiniões sobre o que lhes é passado e as vão transmitindo de várias maneiras na sociedade. Portanto, a escola e os profissionais que nela atuam são pessoas influentes na formação dos estudantes em vários pontos. A questão de gênero é um deles (PCNs,1998).

Vejamos como a escola reforça alguns padrões sobre o tema em sua prática cotidiana:

Um exemplo comum que podemos citar são as questões das filas, separando todos os meninos de um lado e as meninas do outro. Essa simples atitude dos professores vai gerando uma dúvida entre os alunos, afinal porque eles deveriam ficar separados?

Podemos trabalhar questões de gênero comuns que ocorrem nas aulas de educação física e tratá-las com naturalidade para que os alunos consigam não apenas agir por impulso, mas pensar na influência das suas falas e atitudes em nossa sociedade.

É comum nas aulas de educação física ouvirmos dizer que as meninas são

as mais “fracas” e os meninos são os mais “fortes”, que temos alunos aptos para certas atividades e inaptos para outras, que dança ou ginástica interferirá na masculinidade do homem e que lutas ou futebol praticado por meninas interferirá na sua feminilidade. Coisas deste tipo são ditas pelos próprios alunos.

Várias práticas corporais e esportivas acabam como sendo exclusivamente de meninos ou de meninas. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010).

Muitas vezes, vivenciamos situações, em que meninas dizem não ter recebido a bola de futebol no jogo. O mesmo acontece com alguns meninos, que por não terem uma vivência no esporte desde cedo, acabam não recebendo a bola de seus colegas.

A partir desta afirmação, vemos que, se o futebol fosse um esporte somente para homens, todos os meninos jogariam bem e se destacariam em qualquer ambiente em que participassem da atividade. O mesmo acontece com atividades de dança, nem todas as meninas se destacam quando dançam.

É de se pensar que se as mulheres fossem estimuladas desde cedo a prática do futebol, por exemplo, jogariam melhor do que atualmente, ou teriam maior conhecimento sobre a modalidade. O mesmo podemos citar dos homens com relação a ginástica e dança.

Habilidades e capacidades físicas são adquiridas com a prática e quando não são promovidas situações para que possam ser desenvolvidos, os indivíduos são limitados de diversas possibilidades de usar seus corpos (GOELLNER, 2010).

Se analisarmos a educação física em seu contexto histórico, notaremos que há uma grande exclusão quanto a participação de mulheres em atividades físicas.

De acordo com Castellani Filho (2009, p.61), pode-se constatar que:

Decreto da Lei 3199 – 14/04/41

Art. 54: Às mulheres não se permitirá a pratica de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às

entidades desportivas do país.

Segundo a obra, o papel da mulher no período era a maternidade, de forma que a ginástica sueca era a prática corporal difundida e aceita como adequada para o intento.

A deliberação CND nº 7/1965 era bastante clara sobre as práticas corporais esportivas para as mulheres:

“Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rúgby, halterofilismo e baseball.” (CASTELLANI FILHO, 2009, p.63).

Este fato ocorria tendo como justificativa que as mulheres não possuíam habilidades para tal práticas por serem frágeis, apresentar menos força física, serem mais dóceis e meigas, não possuindo certas “qualidades” que pertenciam somente aos homens. Porém, com a passar do tempo, surgiu uma idéia que contradizia o que era exposto, colocando que as mulheres que praticavam exercícios físicos ficariam mais fortes e robustas e gerariam filhos mais saudáveis que, mais tarde defenderiam a Pátria. (CASTELLANI FILHO, 2003, apud KNIJNIK; ZUZZI, 2010)

Apesar da liberação para participação em exercícios físicos, as mulheres continuaram tendo restrição na participação de alguns esportes, entre eles: lutas, rugby, futebol, pólo aquático, halterofilismo e baseball. Estes esportes não eram considerados como sendo de natureza feminina (KNIJNIK; ZUZZI, 2010).

Notamos que fatos como estes, ainda se manifestam com freqüência em nossos dias.

Meninas sempre participando de atividades com movimentos mais delicados e ginásticos, de danças e flexão e meninos de esportes coletivos como futebol, rugby e lutas, por exemplo, que exigem um contato corporal maior.

Homens e mulheres, muitas vezes, deixam de participar de determinadas práticas corporais que fazem parte da sua cultura, pela interferência da sociedade e por rótulos que são colocados por pessoas de sua família, por amigos, por colegas de sala de aula. Dessa maneira, acabam sendo restritos de terem uma vivência a mais e de ampliarem seus conhecimentos. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010).

Quando as pessoas crescem sem entender estes conceitos de gênero, isso

reforça rótulos e gera certa prioridade nas práticas corporais, com realce no masculino, sendo que assim alguns cidadãos não conseguem interagir de forma solidária com o próximo e não conseguem respeitar o sexo oposto se achando no direito de ter “prioridades” em determinados esportes. (KNIJNIK; ZUZZI, 2010).

Assim, essa questão que começa pequena, de certa forma acaba repercutindo pela sociedade e crescendo cada vez mais. Podemos confirmar essa questão com PCN (1998) que afirma:

Essa diferença historicamente tem privilegiado os homens, na medida em que a sociedade não tem oferecido as mesmas oportunidades de inserção social e exercício de cidadania a homens e mulheres. Mesmo com a grande transformação dos costumes e valores que vêm ocorrendo nas últimas décadas, ainda persistem muitas discriminações, por vezes encobertas, relacionadas ao gênero (PCNs, 1998, p. 322)

As mulheres sempre foram mais restritas a vários papéis na sociedade: no direito ao voto, trabalhar no mesmo emprego que o homem, com a mesma quantidade de horas e receber um salário mais baixo, etc. Questões como estas, devem ser problematizadas, refletidas e apresentadas aos alunos quando situações parecidas forem expostas, visando a superação desse quadro discriminatório.

Estes fatos, se não discutidas com os alunos desde cedo acabam se tornando um grave problema que repercute na sociedade em práticas inaceitáveis, como a violência contra a mulher, por exemplo, recorde no Brasil.

Entretanto, somos destaque internacional pelas alarmantes taxas de violência doméstica registradas contra a mulher, registrando 312 mil queixas (dados do primeiro semestre de 2010, segundo o portal G1).

1.3 Saindo do impedimento: A participação das mulheres no futebol

A participação das mulheres em vários esportes sempre foi alvo de muitas críticas, principalmente em décadas passadas, onde era alegado que as mulheres eram frágeis, que o esporte fortalecia o espírito guerreiro masculino não podendo ser colocado em dúvida que os homens teriam autoridade suprema, passando pela condição materna das mulheres (KNIJNIK;

VASCONCELLOS, 2003). Por um longo período na história esse quadro se repetiu.

Nos dias atuais, depois de muita luta por seus direitos, as mulheres participam de várias modalidades esportivas (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003). Desempenham um excelente papel nos jogos.

O futebol feminino brasileiro tem alcançado destaque internacional desde os anos de 2000, quando começa a conquistar pódiums e medalhas nas principais competições. Com o aparecimento de Marta, alagoana considerada 5 vezes a melhor jogadora do mundo, passamos a ser respeitados também no futebol feminino, dominado, até então, por norte-americanas e alemãs. Ainda que o Brasil não tenha conquistado nenhum título de destaque, ficando em 2º lugar na última olimpíada, atingiu o status de potência nas competições da FIFA. Revelações vêm sendo encontradas em vários países e sendo motivo de comentários e elogios.

No Brasil os talentos são muitos. Conhecido como o país do futebol, pelo espetáculo que é este é um esporte que movimenta as pessoas por onde passa. Estádios são lotados por torcedores que ao assistirem o jogo expressam sentimentos de todos os tipos, desde o pular de alegria ao ver um gol feito pelo ídolo, o chorar de tristeza ao ver o time do coração perder, até o blasfemar jogadores por um erro cometido ou violentar torcedores da torcida adversária.

Apesar de ser este grande espetáculo, de emocionar os brasileiros, convivemos com a realidade, que a ocupação dos gramados nos estádios ainda é muito mais forte com os homens, sendo que na maioria das vezes, os lugares reservados às mulheres são em algumas cadeiras dos estádios.

O “país do futebol” tem uma atitude discriminatória com as mulheres que praticam o esporte, sendo que elas são excluídas e deixadas de lado muitas vezes (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003).

Apesar das mulheres estarem mostrando seu talento e de haverem aceitação maior sobre sua participação no futebol, isso não significa que a maioria das pessoas concorde com isso. Na maioria das vezes a crítica, o preconceito e a aceitação não se fazem de maneira tranqüila. Isso ocorre, por

exemplo, nas salas de aula, onde notamos que quando falamos de futebol, muitos meninos e até algumas meninas se referem ao esporte como sendo somente masculino.

O futebol, assim como qualquer outro esporte exige do seu atleta muita garra, briga pelo espaço e a “derrota do adversário”. Para alcançar tais objetivos qualquer jogador ou jogadora deve ter em certos momentos do jogo movimentos mais bruscos, um maior contato corporal e pelo entusiasmo ou empolgação dos atletas, muitas vezes se escutam palavrões e atitudes rudes. Este é um dos motivos do preconceito que as mulheres sofrem por jogar, porque muitas vezes estas atitudes são “mal entendidas” pela sociedade e não condizem com o comportamento que a cultura exige que a mulher deva ter, como se atitudes como estas dependessem unicamente da biologia, de hormônios e da questão de gênero (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003).

Quando temos um esporte que tem maior domínio masculino o preconceito que as mulheres enfrentam é ainda maior. (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003).

Os rótulos colocados nas mulheres pela sociedade quando elas praticam esportes que “não condizem” com o seu gênero são muitos, mas apesar das críticas, elas não são proibidas de praticarem. Na verdade, atualmente, as mulheres desempenham vários papéis que eram feitos somente por homens, como dirigir, trabalhar em serviços pesados, ser líder político, entre outros. Elas possuem o direito de participar de tudo. De acordo com a Constituição Federal:

Art. 5º “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos seguintes termos: (EC nº 45/2004) I – Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;” (BRASIL, 1988, p.08)

Apesar de seus direitos espera-se sempre que as mulheres mantenham sempre uma delicadeza, uma postura, uma meiguice, uma beleza e que continuem desempenhando na sociedade os papéis que lhes cabiam desde os tempos passados.

O quesito de estar sempre belas e perfumadas não podendo estar suadas ou com roupas mais largas que não se adéquem ao seu biótipo é uma

questão bem marcante para as mulheres. Muitas vezes elas são escolhidas para participarem de campeonatos e jogos importantes pela sua aparência física e não pelas habilidades que possuem.

A mídia tem imposto à sociedade o padrão de corpo perfeito, traços marcantes e bem definidos, cabelos sempre muito lisos e longos, moças sempre mais jovens, ou seja, um controle do que se deve ser, visando sempre o “belo”. (DARIDO, 2012).

Através da mídia, são firmados valores a respeito de padrões de beleza e “corpos perfeitos”, estética, saúde, sexualidade, competição etc.. Informações como estas, na maioria das vezes, não são corretas ou adequadas do ponto de vista democrático, porém elas se sobrepõem pela baixa capacidade crítica de seus leitores e expectadores (DARIDO, 2012).

Beriberi (1991) apud Knijnik; Vasconcellos (2003) afirma que quando se deseja ter este controle do corpo da mulher se tem necessidade de controlar o próprio trabalho, o que seria uma maneira de evitar que as mulheres tenham domínio sobre a sociedade ou comecem a reclamar o reconhecimento das funções que desempenham. Cita ainda que tanto o corpo do homem quanto o da mulher podem proporcionar prazer a ambos, mas é o corpo feminino que é mais exposto como objeto erótico em nossa sociedade.

Tal fato gera grande exclusão e discriminação sobre as mulheres.

Knijnik e Vasconcellos (2003) citam um fato ocorrido com jogadoras de futebol que gerou grande polêmica. Em 2011 a Federação Paulista de Futebol (FPF) resolveu fazer um campeonato feminino de futebol divulgado na mídia e em vários jornais, sendo que era prometido um jogo bom e bonito, porém existiam alguns quesitos para as jogadoras que quisessem participar, um deles era que as atletas não poderiam ter cabelos raspados e não poderiam ter mais de 23 anos. Isso gerou muita polêmica, deputados entraram em contradição à discriminação das “feias” e houve protestos isolados, entretanto, o campeonato aconteceu.

Podemos observar no relato supracitado, que a preocupação dos organizadores do evento não era de promover o futebol de uma maneira igualitária para homens e mulheres e de mostrar a habilidade e técnica destas,

mas sim de expor a beleza das jogadoras em campo, sendo que isso daria um grande ímpeto na mídia e o número de torcedores seria bem grande no estádio.

Não se mede a habilidade que uma pessoa joga pela beleza. As mulheres devem ser valorizadas pelo que são pelas qualidades que possuem e não pela sua aparência (GOELLNER, 2010).

Vemos estereótipos e rótulos sendo colocados em mulheres de várias maneiras e em vários lugares. Convivemos com meninas que jogam futebol e já sofreram preconceitos de várias formas, são chamadas de “machonas” e “sapatas”, sendo que não se deve colocar esses adjetivos pejorativos para se referir a ninguém, e não é porque as mulheres jogam futebol que são todas homossexuais, esse é um grande erro que muitos cometem, isso porque boa parte das pessoas acredita que o esporte foi feito só para os homens. Muitas são olhadas de maneira diferente pelas pessoas e são motivos de cochichos e risadinhas.

Fatos assim ocorrem dentro de salas de aulas de maneira bem natural e espontânea, ouvimos sempre que meninas não podem jogar porque são muito fracas ou não tem habilidades para o esporte.

Apesar do estímulo que as pessoas recebem desde cedo para fazerem certa atividade, devemos transmitir a eles que independente de ser homem ou mulher, todos podem participar de tudo. Os esportes, a dança, a ginástica, as lutas foram culturalmente construídos pela sociedade para sua sobrevivência, para manifestarem e expressarem o que sentem, para transmissão de valores e conhecimento, por isso é direito de todos participarem do que quiserem sem restrição. Jogar futebol não vai fazer com que as meninas sejam menos femininas, e dançar não faz com que os homens sejam menos “machos”.

Capítulo 2 – O referencial teórico metodológico – Tendência Crítico Superadora

2.1 Abordagem Crítico Superadora

A proposta crítico-superadora traz consigo a discussão de questões teórico metodológicas da Educação Física, esta é um componente do currículo escolar que trata de temas da cultura corporal, sendo eles os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros; todos eles constituem os conteúdos da Educação Física. Busca-se com esta proposta a abordagem de um currículo escolar que ligado a um projeto político pedagógico, problematize elementos da realidade social dentro da escola. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Sendo o Brasil uma sociedade de classes, estas lutam entre si para buscar seus interesses. A proposta crítico superadora não aceita que nenhum indivíduo seja submisso ao outro em função de sua classe social (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A educação física escolar transmite às novas gerações um patrimônio cultural muito rico que a humanidade foi construindo há séculos. Estes estão ligados aos jogos e esportes, danças e ginásticas. Tais práticas são ensinadas, transmitidas e merecem serem passadas de geração para geração. A luta (que inclui a capoeira), as práticas circenses, o jogo e o esporte, a dança e a ginástica, às práticas corporais alternativas, as atividades físicas de aventura e os exercícios físicos são tradição e conhecimentos que estão ligados à Educação Física e estes podem ser considerados seus conteúdos na escola (DARIDO, 2012).

Na abordagem dos conteúdos, devem-se considerar alguns elementos para a reflexão pedagógica. Esta, por sua vez, possui algumas características específicas que devem ser:

- 1) Diagnóstica - onde o aluno tomará conhecimento dos dados da realidade, fará uma interpretação sobre eles, fazendo logo em seguida um julgamento.

2) Judicativa - sendo um sujeito pensante, o aluno fará um juízo de valor, sendo que este dependerá da classe que ele pertence, assim, ele fará o julgamento representando os interesses de acordo com sua classe social.

3) Teleológica - o aluno buscará uma direção, que dependendo da classe que pertence e de como a reflete, poderá a preservar a realidade como está ou a transformá-la, modificá-la (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Os conteúdos escolares são realidades exteriores aos alunos que devem ser identificados não devendo ser simplesmente criados novamente, pois eles não são fechados as realidades sociais. Não basta que os professores apenas transmitam os conteúdos das aulas para os alunos. Estes conteúdos devem ter um significado humano e social, ou seja, devem estar ligados com a realidade que os alunos vivem, com seu dia a dia e devem oferecer auxílio para que se tenha compreensão dos determinantes sócio-históricos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Dentro da perspectiva dialética, os conteúdos que são passados aos alunos na escola deveriam ser apresentados de maneira simultânea, tornando clara a relação que mantêm entre si, para que se compreenda que estes dados da realidade não podem ser explicados isoladamente. O que muda de uma unidade para a outra é a amplitude das informações, a dificuldade, a expansão do pensamento sobre cada dado, isso porque o conhecimento não é construído por etapas e sim de forma espiralada e vai se ampliando (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A cultura corporal

Na perspectiva da cultura corporal é fundamental que o aluno tenha noção da historicidade. É preciso que ele entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades foram construídas em determinadas épocas históricas, em respostas dos estímulos que eram dados às pessoas, aos desafios que enfrentavam e necessidades que eles possuíam (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O conhecimento deve ser tratado desde sua origem ou evolução, para que possa possibilitar ao aluno a visão de historicidade, permitindo que este possa se compreender como sujeito histórico, sendo capaz de interferir nos rumos de sua vida privada e da atividade social sistematizada (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A educação física escolar, que reflete sobre a cultura corporal, contribui para a afirmação dos interesses das classes das camadas populares, envolvendo assim uma reflexão pedagógica sobre valores como solidariedade que substitui o individualismo, cooperação contrapondo-se à disputa, distribuição em confronto com apropriação, enfatizando sempre a liberdade de expressão dos movimentos, negando a dominação e submissão do homem pelo homem. O julgamento dessa reflexão contribui para o desenvolvimento de classe dos alunos, eles constroem sua identidade como sujeito histórico, construindo uma consciência de classe para o seu engajamento decidido na luta organizada pela transformação estrutural da sociedade e pela conquista da hegemonia popular (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Na escola, os conteúdos são abordados em forma de ciclos e são trabalhados simultaneamente, assim o conhecimento vai se ampliando no pensamento do aluno de forma espiralada. Primeiro ele constata os dados da realidade, os interpreta, compreende e consegue explicá-los. Os ciclos são organizados por etapas e os alunos podem trabalhar com alguns deles ao mesmo tempo dependendo dos temas que estão sendo tratados. Quando se introduz os ciclos, é visado que pouco a pouco eles substituam o modelo de seriação. (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nosso trabalho foi realizado no 6º ano do ensino fundamental que é pertencente ao segundo ciclo. Este é denominado ciclo de iniciação da sistematização do conhecimento. O aluno começa a ter consciência da realidade e confrontar seus pensamentos sobre ela, começa fazer relações complexas do que é real e do que aparenta ser.

A cada ciclo que o aluno percorre, ele adquire novos conhecimentos e avança em seus pensamentos, criando novas referências. O conhecimento é organizado de modo a ser compreendido como provisório produzido historicamente de forma espiralada, onde vai ampliando seu pensamento

através dos ciclos já referidos (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

O esporte na escola

Segundo o coletivo de autores (1992) é preciso resgatar na escola os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual, defender o compromisso de solidariedade e respeito humano, ter a compreensão de que jogo se faz a dois, e que existe diferença em jogar com o companheiro e contra o adversário. É preciso desmistificar o esporte, permitindo que os alunos façam críticas dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural. O conhecimento promovido através do esporte deve promover a compreensão que a prática esportiva deve ter significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte.

O futebol

Coletivo de Autores (1992) citam alguns itens que os alunos devem ser conhecedores abrangendo diferentes aspectos. Colocaremos alguns deles aqui, que são os que estão ligados com nosso trabalho:

- O futebol enquanto jogo praticado de modo popular.
- O futebol enquanto manifestação cultural que encanta todo o mundo em especial o Brasil.
- O futebol enquanto contemplação esportiva.

Nas várias visões que podemos trabalhar o futebol na escola, deve-se entender que o ensino desse esporte é muito mais do que “jogar futebol”, muito embora essa prática seja elemento integrante das aulas de Educação Física.

Capítulo 3 – A pesquisa de campo e seus resultados

3.1. Materiais e métodos

No período de 27 de fevereiro a 30 de março de 2012 realizamos nossa pesquisa de campo. Ela se consistiu em 10 aulas de 50 de minutos cada, baseadas na perspectiva crítico-superadora. Ocorreram para uma turma de 39 alunos do 6º ano ensino fundamental II, com idades entre 11 e 12 anos matriculados na Escola Estadual Secretário Tristão da Cunha, centro de Divisa Nova-MG. As aulas ocorreram no horário das aulas normais de educação física, duas vezes por semana, no período da tarde.

Foram utilizados para ministrar as aulas, notebook para apresentação de slides sobre origem e evolução do futebol, cabeças de boneca, apito, giz, garrafas pet, bexigas, barbantes, folhas de sulfite, medicine boll, bolas de futebol, vendas, faixas, bolas de plástico, lençóis. Todos estes materiais foram levados por nós.

A escola não possui quadra, apenas um pequeno pátio. Para a realização das aulas de educação física os alunos são levados para a quadra de uma escola vizinha. Quando o poliesportivo da cidade localizado ao lado da escola não estava sendo usado e coincidia com o horário das aulas, fizemos uso do espaço.

A estrutura da quadra da escola vizinha onde realizamos as aulas é bem precária. É apenas cimentada, não possui demarcações no chão, as traves dos gols estão inclinadas e não possuem redes. Os vestiários estão interditados, mas a quadra é coberta, o que ajuda bastante nos dias de sol muito forte.

Cada aula foi registrada em diário de campo, de forma a referenciar a análise dos dados. Em todas as aulas foram feitas observações das falas e comportamento dos alunos sendo relatado o que acontecia de mais relevante nelas. Ao final, foi feito um desenho pelos alunos, onde estes relatavam o que eles haviam aprendido e o que mais haviam gostado nas aulas.

Em todas as aulas utilizamos atividades que estavam associadas ao futebol para tratar da questão de gênero. O nosso objetivo não era de ensinar

efetivamente o futebol e sim observar e identificar se em atividades que envolviam esse esporte, seria manifestado preconceito em relação a participação das meninas.

Categorias de análise: diagnóstico, julgamento e teleologia (transformação).

3.2 Relatório das aulas:

Mostraremos agora como foram aplicadas as aulas de acordo com os referenciais teóricos que utilizamos, sendo que inicialmente levamos uma possível versão da história ao conhecimento dos alunos e fizemos questionamentos para que eles pudessem expressar o que sabiam e dar opiniões sobre o tema. Posteriormente houve vivência prática em todas as aulas, onde os alunos expressavam seus movimentos e realizavam as atividades da maneira que conseguiam e achavam correto. As aulas sempre foram realizadas com a participação do coletivo, em equipes e duplas.

Relatório das aulas:

Plano e observação da 1ª aula – 27/02/2012

Foi explicado aos alunos em sala de aula que eles participariam de um trabalho de conclusão de curso, onde aprenderiam um pouco mais sobre futebol (não foi dito a eles que seria trabalhado a questão de gênero). Foi explicado que eles fariam 10 aulas ministradas por nós.

Na sequência foram feitas as seguintes perguntas aos alunos:

Você gosta de jogar futebol? Por que?

Você sabe onde o esporte surgiu?

Qual é a sua opinião sobre a participação de meninas no futebol?

Você já participou de algum jogo onde meninos e meninas jogavam juntos?

Na sua opinião, quais as diferenças existentes entre o futebol feminino e masculino?

Fizemos uma pergunta de cada vez e todos os alunos que queriam

deram suas opiniões. A sala foi bem participativa.

Em respostas às questões:

Na primeira questão apenas cinco meninas disseram que não gostavam do esporte; o restante da sala disse que gostava. A maioria da sala apresentou tais falas sobre o porquê gostavam:

- “Gosto porque é bom para a saúde!”
- “Gosto porque é bom!”
- “Gosto porque exercita meu corpo!”
- “Gosto porque é legal!”
- “Gosto porque assim eu faço exercício!”
- “Não gosto!”

As meninas que disseram que não gostavam, não souberam explicar o porquê.

Na segunda questão a sala toda arriscou um palpite, citaram vários países, mas ninguém sabia ao certo de onde o esporte surgiu.

Na terceira questão, citaremos a fala de alguns alunos:

- “É importante a participação das mulheres porque o esporte é para todos.”
- “Eu acho legal!”
- “Algumas meninas são boas e outras ruins.”
- “Os direitos para todos jogarem são iguais.”
- “Na minha opinião, não acho certo as meninas jogarem porque o futebol é só para homens!”

Na quarta questão, a sala toda levantou a mão afirmando que já haviam participado de jogos de futebol onde as equipes eram mistas. Pedimos que levantassem a mão também, aqueles que não haviam gostado do jogo. Ficamos surpresas com a resposta, pois a sala toda levantou a mão, afirmando não terem gostado de jogar juntos.

Na quinta questão, citaremos as falas com as opiniões de alguns alunos:

- “As meninas são fracas!”
- “Os homens são melhores!”
- “Meninos jogam com raça!”
- “Meninos jogam para se divertir.”
- “Não tem diferença, tem mulheres que jogam até melhor que os homens! O esporte é para todos!”

Em seguida foi apresentado aos alunos, um breve histórico sobre uma possível versão da história do futebol, através de apresentação de Power Point. Os alunos se mostraram bem atentos.

O futebol é conhecido como uma paixão nacional, mobilizando pessoas de toda parte do mundo. A copa do mundo é considerada o maior evento esportivo do planeta. Mas não foi assim que tudo começou.

Segundo pesquisadores e historiadores a primeira manifestação de futebol foi na China por volta de 3.000 anos A. C. onde os chineses praticavam um jogo que na verdade era um treino militar. Após as guerras formavam duas equipes para chutar a cabeça dos soldados inimigos que eram derrotados. Essa prática era conhecida como Tsu-chu.

Os crânios, que mais tarde iriam ser substituídos por bolas de couro, que seriam chutadas por soldados chineses por entre duas estacas no chão, no primeiro indício de traves.

O Kemari

Se o tempo de tradição contasse, o Japão seria o número um do futebol, pois há 1400 anos se chuta a bola com pés no país, num mito de cerimônia e divertimento chamado Kemari.

Com origem no Japão o Kemari era uma variação do Tsu-Chu, onde era proibido qualquer contato corporal. O campo era quadrado e cada lado havia uma árvore, os jogadores eram oito. Este jogo era mais um ritual religioso do que propriamente um esporte, antes de se iniciar era realizada uma celebração para abençoar a bola, pois simbolizava o sol.

Com isso, relatos mostram que duas vezes por ano, 14 de abril e 7 de julho, qualquer pessoa poderia assistir a demonstração do Kemari no Shiramine Jingu, que era considerado o “templo dos esportistas” pois uma das divindades que nele era cultuadas seria a bola.

Em 1869, o Kemari parou de ser praticado pelo fato da transferência da corte imperial para Tokyo, mas em 1903 o imperador Meiji ficou com saudades da brincadeira e criou um grupo que seria responsável pela preservação do Kemari.

O Kemari não é uma disputa, é uma brincadeira pacífica e também deve

ser visto como uma oferenda às divindades, portanto, o importante é não deixar a bola cair no chão pelo maior tempo possível, fazendo embaixadas e passando aos outros jogadores.

De acordo com os registros da época, a competitividade e o raciocínio rápido exigidos em sua prática seriam grandes aliados na formação e determinação.

O Harpastum

O harpastum foi um esporte praticado por volta de 200 a.C, no Império Romano, era disputado em um campo retangular, dividido por uma linha e com duas linhas como metas. A bola era feita de bexiga de boi, sendo um esporte militar, onde uma partida duraria horas.

Football

O primeiro Registro nos territórios britânicos vem de um livro do Autor Willian Fitzstephe, em 1175, onde em uma terça-feira “gorda”, os habitantes de várias cidades inglesas saíram às ruas chutando uma bola de couro para comemorar a expulsão dos dinamarqueses. Em relação aos chineses, a bola simbolizava a cabeça do invasor.

Lentamente o esporte começou a se popularizar, tanto que no século XVI o esporte foi chamado de “o jogo bárbaro” pela violência inserida pelos praticantes. Em 1700, foram proibidas as formas violentas do futebol.

Em 1710, as escolas passaram a adotar o futebol como uma atividade física, e o problema chegaria a ser as regras em cada escola, onde poderia ser jogado somente com os pés, ou em outra ocasião seria jogado com os pés e mãos, nascendo assim o Rúgbi.

No Brasil, Charles Miller, filho de britânicos nascido em São Paulo, trouxe da terra de seus pais o primeiro par de bolas e o livro de regras do jogo. Por toda a América Latina, a popularização do jogo britânico se percebeu com a criação de diversos times com nomes em inglês.

O futebol hoje protagoniza um dos maiores espetáculos esportivos do mundo.

Porém, todo esse destaque dado ao desporto coletivo, remonta uma história bastante longa, bem mais antiga que a do tempo em que o britânico Charles Miller viria a ser considerado o inventor desse esporte.

Depois de apresentado a história, foram passada dois pequenos vídeos aos alunos com erros dos jogadores profissionais retirados do site Youtube. Os alunos se divertiram muito ao assistirem, continuaram atentos e riram muito. Explicamos a eles que existem pessoas que não jogam por medo de errar ou de não conseguir fazer, mas que aqueles erros eram de jogadores profissionais, que treinaram a vida toda e mesmo assim erravam. Mostramos a eles os vídeos e explicamos que não tivessem receio em participar das aulas seguintes.

Plano e observação da 2ª aula – 02/03/2012

Em sala de aula foi retomado com os alunos o que havia sido passado na aula anterior. Foi explicado que eles fariam uma vivência do que haviam aprendido e em seguida eles foram levados para a quadra, se mostraram muito agitados, no entanto todos participaram das atividades.

Na primeira atividade, dividimos a sala em duas filas, formando-se duas equipes. Foi dado a cada equipe uma cabeça de boneca que estava com os primeiros alunos da fila. Ao ouvirem o apito, os primeiros alunos chutariam as cabeças de boneca em dois pequenos gols e na sequência passariam a cabeça da boneca para o próximo colega. No decorrer da atividade foi anotado quantos gols foram feitos por cada equipe e quem havia feito os gols. Estes gols foram diminuídos por três vezes e depois passamos para a atividade seguinte.

Os alunos permaneceram na fila. Foi explicado que ao sinal do apito, os primeiros alunos deveriam ir levando a cabeça da boneca, chutando-a, até a área demarcada e voltar entregando ao próximo colega.

Na terceira atividade, ainda nas filas, os primeiros alunos chutaram as cabeças de bonecas em 2 garrafas pet que estavam logo a frente. Foi marcada em uma folha a pontuação de cada equipe e foi anotado quem havia conseguido derrubar a garrafa.

Citaremos aqui a fala de alguns alunos nesta atividade: “Ah na dona! É

muito difícil acertar isso aqui!"; "Oh dona! Ah não! Ele não joga com o coração!" (Este aluno se referia ao seu colega da equipe).

Ao final da aula, perguntamos aos alunos o que eles tinham achado da atividade, alguns disseram que acharam muito legal, outros que gostaram, outros acharam difícil e alguns disseram ter achado chato.

Perguntamos também o que eles haviam achado da participação das meninas na atividade, se elas tiveram um bom desempenho. Todos disseram que sim.

Plano e observação da 3ª aula – 05/06/2012

Os alunos se mostraram muito agitados neste dia. Tivemos uma conversa com eles em sala de aula e relembramos as várias maneiras com que os nossos antepassados "jogavam o futebol" e as diferentes formas com que eles o faziam.

Neste dia, a aula não pode ser realizada na quadra, então levamos os alunos para um pequeno espaço, parecido com um pátio sem cobertura, e realizamos a aula neste local.

Distribuímos a cada aluno um barbante e uma bexiga. Depois que cada um encheu sua bexiga, eles a amarraram com o barbante e depois em seu tornozelo. Quando ouviram o sinal do apito, eles correram pelo pátio e deveriam tentar estourar a bexiga do colega e proteger a sua ao mesmo tempo.

Nesta atividade os alunos se relacionaram bem uns com os outros.

Quando fomos explicar a atividade seguinte os alunos ficaram muito dispersos, principalmente na divisão das equipes.

Formaram-se duas filas, sendo que os alunos estavam em duplas. Eles mesmos escolheram seus pares. Ao ouvirem o apito, a primeira dupla sairia de mãos dadas e levaria uma bexiga até a área demarcada, e a trariam de volta para a próxima equipe. Eles poderiam levar a bexiga como quisessem, só não poderia tocá-la com as mãos.

Alguns alunos não queriam dar as mãos para os colegas, principalmente os meninos. Depois destas atividades houve uma conversa com os alunos porque alguns não colaboravam.

Depois da conversa demos sequência a atividade, pedimos então que os

alunos dessem as mãos e ficassem em duplas, mas teriam que ficar meninos e meninas. Alguns alunos logo fizeram seus pares, já outros não queriam dar as mãos. A seguinte foi dita por um menino: - “Há não dona! Eu não vou dar a mão para menina nenhuma esse povo fica mexendo com a gente!”

Todos participaram da atividade. O número de meninos na sala foi maior, então houve pares de dois meninos.

Alguns alunos não se sentiram a vontade ao dar as mãos para os colegas. Mas quando questionado o porque desta atitude todos disseram que não tinha nada a ver.

Depois da terceira atividade eles foram para a sala. Nesta aula, foi-se perdido tempo, chamando a atenção de alguns alunos.

Plano e observação da 4ª aula – 09/03/2012

Essa aula foi ministrada na sala. Foi montado uma pista com folhas de sulfite, sendo que em cada uma delas havia uma numeração, de 1 a 25. A sala foi dividida em duas equipes, meninos X meninas.

Apresentamos as brincadeiras e os materiais aos alunos, a atividade foi feita com uma medicineboll, os alunos se mostraram muito interessados por ser uma aula bem diferente.

A atividade começou, quando 1 aluna da equipe das meninas, se posicionou ajoelhada em cima de um colchonete. A regra seria que os alunos ficassem com os braços a cima da cabeça e lançassem a medicine boll em alguma numeração contida nas folhas, sendo que para cada numero havia uma questão diferente a ser respondida e uma pontuação.

No decorrer da atividade cada membro da equipe tinha o direito de jogar uma vez.

Os alunos se apresentaram bem interessados no início, mas no decorrer da atividade a aula foi interrompida várias vezes devido as conversas paralelas.

A maioria dos alunos, principalmente as meninas se mostraram mais unidas para realizar as atividades e responder as perguntas. Com os meninos houve mais conversas. Alguns que estavam mais atentos ficaram revoltados com seus próprios colegas porque queriam prestar atenção e se concentrar para responder as perguntas.

Ao final da aula, foi somada a pontuação e as meninas venceram o jogo, então explicamos a eles, que quem ganha o jogo, não é quem tem mais força ou quem joga mais longe, mas quem trabalha melhor em equipe, quem pensa, raciocina antes de fazer.

Com essa atividade prática nós pudemos notar que as meninas realmente possuem uma capacidade maior de trabalhar em equipe, elas se mostraram mais atentas e unidas, já os meninos tinham mais força para arremessar a medicineboll mais longe, entretanto não conseguiam entrar em um acordo para responder as questões e acabavam até discutindo uns com os outros.

Plano e observação da 5ª aula – 13/03/2012

Em sala, retomamos o conteúdo da aula passada com os alunos. Discutimos a questão de se trabalhar em equipe. Citaremos aqui a fala de um dos alunos: “É mesmo dona! Quem ganhou foi quem trabalhou mais junto, em equipe!”

Em seguida, dividimos os alunos em duplas, sendo um menino e uma menina.

Depois de formados os pares, os alunos foram levados para a quadra. Houve tumulto até que os alunos se organizassem nas filas. Formamos cinco filas, onde as primeiras equipes das filas receberam uma bola de futebol.

No primeiro momento da atividade as meninas das duplas, receberam uma venda e à colocaram nos olhos. Os meninos as ajudaram a ir até o gol, sendo que elas estavam conduzindo uma bola onde deveriam chutar e tentar marcar o tento.

Os meninos conduziram as meninas com as vendas, mas com a condição de não colocarem as mãos nelas, deveriam apenas falar.

Depois que todas as meninas conduziram a bola, os meninos realizaram a atividade e elas os conduziram.

No decorrer da atividade, os alunos ficaram tão empolgados e com tanta vontade de realizar logo, que as duplas começaram a sair dos seus lugares sem que chegasse sua vez. Isso gerou tumulto. Foi preciso parar a aula para conversar com eles e isso tomou alguns minutos.

Apesar do acontecido, ficamos surpresas nesta aula com a colaboração

dos alunos no decorrer da atividade, meninos e meninas trabalhando juntos, um ajudando e auxiliando o outro.

Não houve tempo, para que todos os alunos conduzissem a bola. Quando estávamos os levando de volta para a sala, muitos vieram nos dizer que haviam gostado muito de ter “brincado” daquele jeito.

Plano e observação da 6ª aula – 16/03/2012

Em sala de aula, passamos aos alunos como seria realizado a atividade, que se chama futebol em duplas. A sala foi dividida em duas equipes. Antes de irmos para a quadra, pedimos que eles destacassem uma folha de caderno e levassem um lápis, juntamente com ela.

Na quadra, os alunos se colocaram nos seus times e escolheram livremente com quem fariam par para realizarem a atividade.

Explicamos que o objetivo de cada equipe era marcar gols, mas haveria algumas regras no jogo: Era proibido soltar a mão do colega, com quem estavam de par.

A dupla que conseguisse marcar um gol, teria o direito de escolher qualquer dupla para sair do jogo.

Observamos de início, que quando falamos que eles próprios poderiam escolher suas duplas, sempre as formavam menino X menino e menina X menina. Foram muito poucas as duplas mistas.

O início do jogo foi bem tumultuado, mas no seu decorrer os alunos começaram a se espalhar mais pela quadra.

A vontade de todos era de chutar a bola e fazer o gol, então muitos não passavam a bola, apenas tentavam correr com ela em direção ao gol.

Observamos também, que no início do jogo, alguns meninos se reuniram para discutir quem eram os “melhores” que eles tirariam primeiro do jogo. Esse era o intuito.

Os meninos tirariam os colegas que “jogavam mais” e permaneceriam na quadra as meninas, que ganhariam o jogo. Mas não foi bem assim que ocorreu.

Os alunos começaram a tumultuar demais, e todos começaram a correr muito próximos da bola, então alguns meninos acabaram derrubando uma

colega.

O jogo foi parado neste momento. Pedimos que os alunos se sentassem e fizemos uma reflexão com eles. Perguntamos para alguns como eles se sentiriam se estivessem no lugar da colega. Discutimos sobre qual era a importância de se ter regras no jogo. Falamos a respeito de como era jogado o futebol que sabíamos. .

Depois da conversa, mudamos a estratégia do jogo. Eles permaneceriam de mãos dadas com seus pares, porém foi estabelecido um lugar fixo para cada dupla. E para que fosse feito um gol, a bola deveria passar por todos os alunos da sala.

Depois pedimos que os alunos anotassem em suas folhas uma parte que gostaram e outra que não gostaram no jogo.

Citaremos aqui, algumas frases que foram escritas pelos alunos:

- “Gostei de tudo! Sem palavras, muito criativa a brincadeira”
- “Eu gostei de jogar de dois e não gostei de ficarem chutando a gente.”
- “Gostei de ficar parado e tocar a bola um para o outro e não gostei de correr e ficar vendo os outros chutando um ao outro e ver desobedecendo as regras de soltar as mãos para pegar a bola com as mãos.”
- “Gostamos de aprender a jogar em dupla. Nós não gostamos de um derrubar o outro e de cair.”
- “Não gostamos de futebol de correr e chutar a bola porque tem uns que não colaboram e só pensam em ganhar e ficam chutando um ao outro. Porque a gente não só ganha, mas perde.”
- “Eu gostei de chutar a bola e não gostei de uma pessoa machucar por causa de uma pelota que teve.” (O aluno se referia a um grupo de pessoas, todas juntas.)

Plano e observação da 7ª aula – 20/03/2012

Os alunos foram separados em pares na sala de aula, sendo que os pares foram mistos e em seguida foram divididos em duas equipes, verde e vermelho. Demos uma faixa da cor de cada equipe para cada aluno.

Nomeamos o jogo como: PIMBOLIM HUMANO.

Foi explicado como seria a atividade em sala de aula e depois os

levamos para a quadra.

Na quadra formamos 4 equipes, sendo que 2 ficaram em 1 lado e a outra em no outro lado. Os alunos ficaram em duplas, menino e menina. Foram dispostas na quadra 1 fila com uma faixa verde e a frente uma fila com a faixa vermelha. O mesmo foi feito no outro lado da quadra. Os alunos amarraram as faixas nos seus braços para que fossem identificados quem era da sua equipe.

Houve um pouco de atraso na formação das equipes em sala de aula devido as conversas paralelas.

Depois que formamos as equipes foram tirados as dúvidas dos alunos e se iniciou a brincadeira.

Foi excelente a participação dos alunos na aula. Uma das coisas que observamos no decorrer da atividade foi a atenção e o auxílio que os meninos deram para as meninas, de como elas deveriam colocar os pés para chutar e como defender.

Eles trabalharam unidos e em equipes e todos gostaram da brincadeira. Nos minutos finais do jogo um dos alunos não quis mais dar a mão a sua colega e resolveu não participar mais então, outro colega entrou em seu lugar.

Os alunos retornaram a sala e no caminho a fala da maioria era: “Nossa dona! Gostei muito da brincadeira!”

Plano e observação da 8ª aula – 23/03/2012

Em sala de aula, conversamos com os alunos sobre como seriam as atividades e em seguida eles foram levados para o poli esportivo.

A sala foi dividida em duas equipes, cada uma delas recebeu uma bola de plástico e um lençol.

Houve questionamento por parte de alguns alunos do porque as duplas foram de meninos e meninas, então conversamos a respeito do trabalhar em duplas e em equipes. Um aluno comentou a respeito com a seguinte fala:

-”Por mim tudo bem! Não me importo de fazer nada em dupla com meus colegas!”

Depois da conversa, realizamos a atividade. Os alunos ficaram bem interessados, devido aos materiais não tão comuns de se usarem nas aulas.

Depois que foi realizada esta atividade, alguns meninos começaram a tirar a

atenção de toda turma e a sala ficou muito agitada.

Perdemos alguns minutos chamando a atenção até conseguir a atenção da turma novamente.

Explicamos a segunda atividade. Os alunos permaneceram nas filas. Os primeiros alunos deveriam conduzir uma bola de futebol ao seu colega que se encontrava alguns metros a frente segurando um arco; a bola deveria passar dentro do arco e em seguida eles trocariam de posição.

Quando estava sendo realizada a atividade todos participaram e se relacionaram bem, mas depois de terminada houve tumulto novamente.

Explicamos a terceira atividade, onde os alunos deveriam permanecer nas filas, os primeiros, deveriam correr segurando a bola até um local demarcado e voltar para o fim da fila. Todos os alunos da equipe deveriam ficar com as mãos acima da cabeça e a bola passar nas mãos de todos.

Os alunos ficaram muito empolgados com as atividades, porém queriam terminar mais rápido que a equipe adversária e acabaram desrespeitando as regras, não passaram a bola para todos os seus colegas.

Ao final da aula conversamos com os alunos a respeito de regras.

Plano e observação da 9ª aula – 27/03/2012

Iniciamos a aula na sala explicando as atividades aos alunos e na sequência os levamos à quadra.

A primeira atividade foi pega-pega. Os alunos ficaram espalhados na quadra; Um menino começou sendo o pegador. A cada vez que ele pegasse um colega, este deveria ficar parado no local onde foi pego, só podendo ser salvo quando alguém desse um passe de bola a ele.

Os alunos participaram bem da atividade, mas teve um pouco de tumulto quando esta terminou.

Na segunda atividade colocamos os alunos em fila. Os primeiros alunos da fila deveriam correr até um local demarcado e voltar para o fim da fila entregando a bola ao seu colega sendo que ela passaria por baixo da perna de todos.

Depois de terminada esta atividade, fizemos uma alteração. Os alunos deveriam passar a bola por cima da cabeça.

Os alunos estavam muito agitados nesta aula, perdemos tempo chamando atenção de alguns, porém todos participaram.

Plano e observação da 10ª aula – 30/03/2012

Iniciamos a aula em sala. Retomamos com os alunos tudo o que foi passado em todas as aulas até então. Relembramos as perguntas feitas, o vídeo assistido, a história do futebol e todas as atividades realizadas.

Em seguida entregamos a cada um dos alunos uma folha sulfite e pedimos que eles fizessem um desenho de alguma das aulas em que eles haviam mais gostado.

Fizemos que eles relembassem que as aulas foram sempre com todos os alunos jogando juntos, uns ajudando os outros.

Depois pedimos que eles escrevessem uma frase relacionada com o desenho que haviam feito. Alguns dos desenhos estarão no apêndice do trabalho e citaremos algumas frases escritas pelos alunos.

- “Eu aprendi que sozinhos não podemos fazer nada” (menino)
- “Eu achei muito legal todas as aulas e diferentes.”
- “Eu achei muito legal quando a gente jogou junto lá na quadra.” (menino)
- “Eu achei muito legal nós da sala jogarmos juntos porque todo mundo tem direito a jogar junto com os colegas e aprendi que a maioria das coisas ninguém faz sozinho.” (menina)
- “Eu achei legal, pois não são só os homens que podem jogar futebol isso é um racismo, acho que homens e mulheres podem jogar futebol juntos sem problemas.”(menino)
- “Eu achei legal brincar com o meu colega e quero jogar de novo e as meninas também.” (menino)

Começamos essa discussão apresentando algumas respostas que foram dadas pelos alunos quando perguntamos a respeito do futebol, se eles conheciam a modalidade, o que pensavam a respeito da participação de meninas no esporte e o que eles achariam se fossem jogar juntos, meninos e meninas:

- “Gosto porque é bom para a saúde!”
- “Gosto porque assim eu faço exercício!”
- “Algumas meninas são boas e outras ruins.”
- “Na minha opinião, não acho certo as meninas jogarem porque o futebol é só para homens!”
- “As meninas são fracas!”
- “Os homens são melhores!”
- “Meninos jogam com raça!”
- “Meninos jogam para se divertir.”

Goellner (2010) afirma que muitas pessoas sofrem preconceito e violência por pertencerem a determinada classe social, habilidade física, etnia, entre outros, e isso se faz visível em falas discriminatórias e sexistas para se referir ao seu semelhante.

Podemos perceber nas falas dos alunos que o preconceito com relação às meninas jogando fez-se presente. O que surpreende é que até as meninas usam de falas discriminatórias para se referir às mulheres no esporte.

PCNs(1998) afirma que nas aulas de educação física pode acontecer de ser constante antigos estereótipos que são ligados a gênero, como a separação de práticas esportivas, algumas sendo somente de meninos e outras somente de meninas.

Estes dados se fizeram relevantes porque através deles pudemos fazer um diagnóstico, logo no início do trabalho, de que o preconceito existia ali.

Na segunda aula, quase todos os alunos apresentam certa dificuldade ao realizar a atividade. Um aluno questiona isso conosco: “Ah não dona! É muito difícil acertar isso aqui!”

Após a realização da atividade, que foi feita em equipes mistas, notamos pelas atitudes de alguns meninos que eles não gostaram de saber que

algumas de suas colegas tiveram mais acertos em um jogo supostamente de futebol que eles. Isso mostra que os meninos, desde cedo, querem ter uma dominação em esportes que são considerados deles. Podemos confirmar tal questão com a afirmação de Knijnik e Zuzzi (2010) em que várias práticas corporais e esportivas acabam como sendo exclusivamente de meninos ou de meninas. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes. .

Até o presente momento fizemos diagnósticos de quão preconceito existia ali.

A partir da quarta aula, podemos começar a perceber que as modificações foram surgindo nos alunos. Quando dividimos a sala em equipes de meninos e meninas separados e as meninas tiveram uma maior pontuação na atividade, começamos a colocar certos valores nestas questões e os alunos começaram a se mostrar mais atentos. Eles começaram a fazer um julgamento do seu próprio comportamento e entender que independente de ser menino ou menina, eles poderiam jogar juntos e vencer. A fala do aluno X nos fez tirar tal conclusão: - “É mesmo dona! Quem ganhou foi quem trabalhou mais junto, em equipe!”

Os alunos começaram a entender o que é citado pelo Coletivo De Autores (1992) que a escola tem o papel de defender o compromisso de solidariedade e respeito humano, ter a compreensão de que jogo se faz a dois, e que existe diferença em jogar com o companheiro e contra o adversário. É preciso desmistificar o esporte, permitindo que os alunos façam críticas dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural.

A partir da quinta aula, vimos que o comportamento dos alunos começou a mudar uns com os outros. O apoio e o auxílio dos meninos para com as meninas na atividade começou a ser maior e as meninas se mostraram com mais empenho na realização dos jogos, podemos ver um exemplo disso através da frase escrita por uma menina: “ Eu achei que todo mundo jogando junto foi muito bom, porque cada um pode ajudar as pessoas.” Constatamos a partir disso, a importância que se tem o incentivo dos meninos para com as meninas na realização dos jogos e vice versa.

Podemos citar também a frase escrita por um aluno, na última aula: “Eu achei legal, pois não são só os homens que podem jogar futebol isso é um

racismo, acho que homens e mulheres podem jogar futebol juntos sem problemas.”

Apesar da fala não estar correta no português, acreditamos que o aluno não se referia a racismo e sim ao machismo e preconceito de muitos homens.

Verificamos então, que apesar do trabalho ter sido realizado em apenas 10 aulas, os resultados foram muito bons. O auxílio que os alunos começaram a dar uns aos outros melhorou muito.

Apesar dos alunos se mostrarem dispersos em algumas atividades, pudemos perceber que eles no final das 10 aulas tiveram uma transformação que como afirma Coletivo De Autores (1992) foi a Teleológica: Onde o aluno buscará uma direção, que dependendo da classe que pertence e de como a reflete, poderá a preservar a realidade como está ou a transformar com o intuito de modificá-la.

Foi modificado o modo como alguns dos alunos pensavam, notamos isso pelas falas e comportamento.

Verificamos isso, além de observar seus comportamentos e suas falas nos desenhos que fizeram, alguns deles estão no apêndice deste trabalho.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo estudar as manifestações de questões de gênero com atividades associadas ao futebol no sexto ano do ensino fundamental II. Para realização de tal proposta utilizamos como referencial a teoria crítico superadora.

Diante dos dados obtidos, de todas as observações feitas, podemos verificar que a aceitação e o entendimento dos alunos com a proposta tornou-se realizável.

Verificamos que o preconceito estava presente na maioria dos alunos quando iniciamos o trabalho principalmente quando relatamos que faríamos algumas aulas relacionadas ao futebol. Como afirma Goellner (2010) as diferenças entre os gêneros são impostas desde o nascimento das crianças, vão sendo colocadas sobre elas o que é pertencente a um ou a outro grupo.

Alguns meninos e algumas meninas acreditavam que o futebol era um esporte pertencente somente a um grupo, sendo este o masculino. Isso faz com que seja limitado o acesso e a participação de homens e mulheres em vários esportes.

Como cita Coletivo de Autores (1992) o conhecimento promovido através do esporte deve promover a compreensão que a prática esportiva deve ter significado de valores e normas que assegurem o direito à prática do esporte.

Como verificamos nos PCNs (1998) o comportamento de meninos e meninas é bem diferente e o professor deve reconhecê-los e transformá-los. Isso é papel de todo educador.

O método que utilizamos para a realização da pesquisa nos trouxe um resultado positivo. Constatamos que houve uma modificação na maneira de pensar de boa parte dos alunos. Alguns alunos, no entanto, apresentaram frases na aula final que demonstraram certo preconceito como: “Não gostei quando as meninas jogaram com os meninos porque os meninos correm mais.”; “Eu achei legal todo mundo jogando, assim aprendemos a ser mais pacientes porque as meninas não correm muito, mas são as meninas da minha sala.”

Temos consciência que nosso trabalho estimula uma tomada de

consciência sobre o respeito às diferenças de gênero, mas não temos a pretensão de achar que as superamos somente com nossa intervenção, que apesar de possuir limites, contribui para o mundo em que vivemos.

Darido (2012) cita que a educação física escolar transmite as novas gerações, um patrimônio cultural muito rico de jogos e esportes, danças e ginásticas que demoraram séculos para serem construídos e merecem ser preservados e passados adiante. Todavia, o Coletivo de Autores (1992) afirma que não basta que os conteúdos sejam apenas transmitidos aos alunos, pois ainda que bem instruídos é preciso que sejam ligados de forma que tenham um significado humano e social. Os conteúdos devem estar vinculados a explicação da realidade social e devem oferecer auxílio para que se tenha a compreensão dos determinantes sócio-históricos do aluno, devendo estar em particularidade com a sua condição e classe social. É fundamental também, que os alunos entendam que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando, etc. O homem construiu estas atividades corporais em determinadas épocas, como resposta de determinados estímulos, desafios e necessidades.

Pudemos concluir que no início do trabalho a manifestação do preconceito era visível nas falas e no comportamento dos alunos, mas ao longo das aulas a maneira com que eles tratavam uns aos outros, o comportamento e as suas falas foram modificadas na grande maioria. Observamos assim, a importância de ser trabalhado essa questão, que exclui e limita as possibilidades de meninos e meninas estarem tendo novas vivências e experiências através de seus corpos, sendo que essa vivência proporciona grande conhecimento.

Dessa forma, buscamos contribuir com profissionais da área, para identificação e observação de questões de gênero no ensino fundamental II.

Sugerimos para outras pesquisas o trabalho com diversas questões que afetam nossa sociedade e que excluem indivíduos de vivenciar os esportes, os jogos, as ginásticas, as lutas, as acrobacias, a mímica, a dança, entre tantas outras práticas corporais que são conteúdos da Educação Física escolar.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Constituição, 1988 – **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nº 1/92 a 56/2007 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nº 1 a 6/94.- Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Segunda Parte: Orientação Sexual/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTELANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil**: A História que não se conta. - 15. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2008. (Coleção Corpo e Motricidade).
COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física escolar**: olhares a partir da cultura. Campinas – SP. Autores Associados. 2010. (Coleção Educação Física e Esportes)

DARIDO. S.C. **Diferentes Concepções Sobre o Papel Da Educação Física na Escola**. LETPEF – Laboratório de Estudos e Trabalhos Pedagógicos em Educação Física. Departamento de Educação Física – UNESP – Rio Claro, p. 34-50, 2012.

GOELLNER, S. V. **A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade*** Cadernos de formação RBCE, p. 71-83, mar 2010.

<http://gl.globo.com/brasil/noticia/2010/08/denuncias-de-violencia-domestica-contra-mulher-crescem-112-em-2010.html> Acessado em 11/02/2012.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_do_futebol Acessado dia: 19/05/2011

<http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/historia-do-futebol.htm>
Acessado dia: 19/05/2011

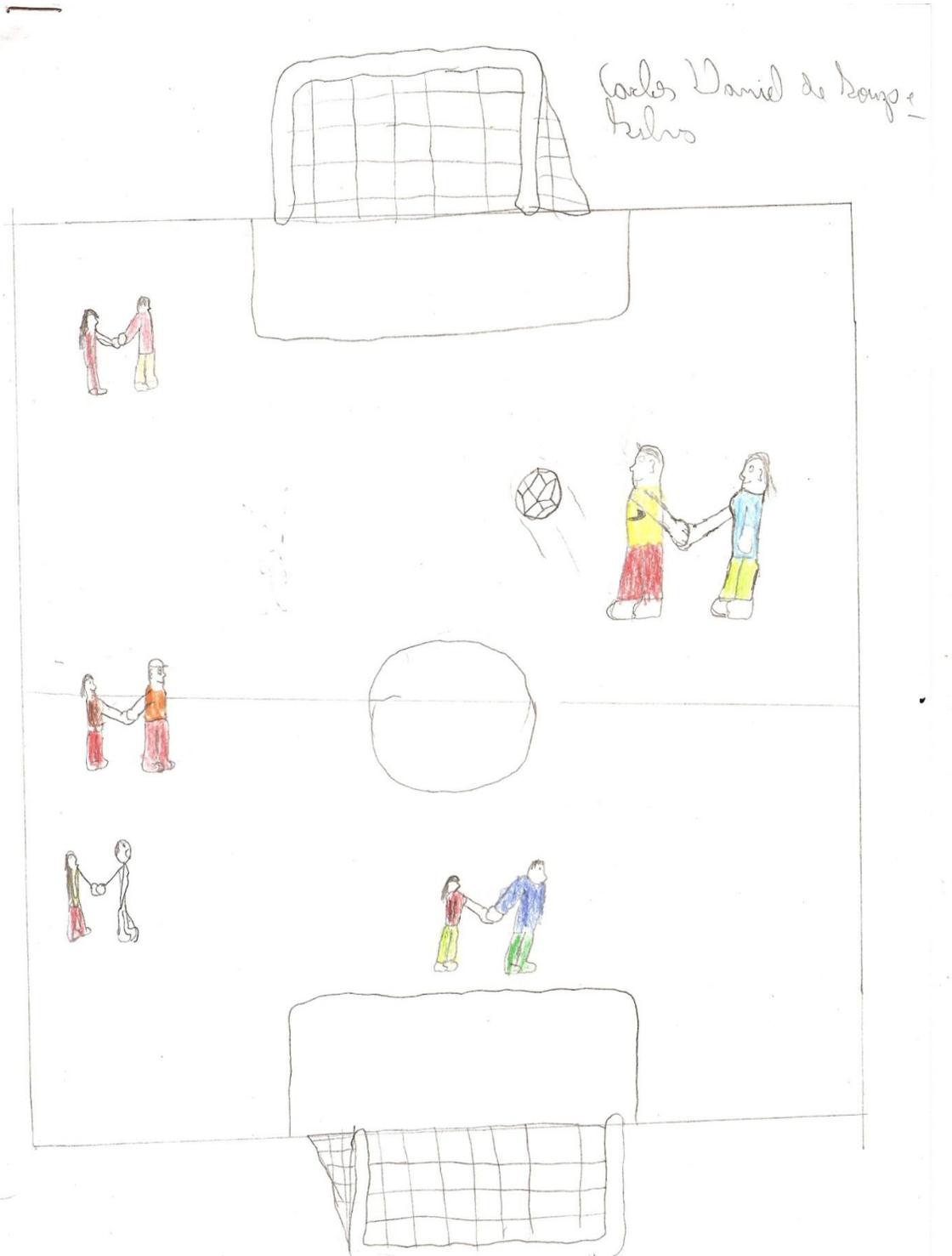
<http://www.youtube.com/watch?v=ecBq18g3U> Acessado dia: 23/02/2012

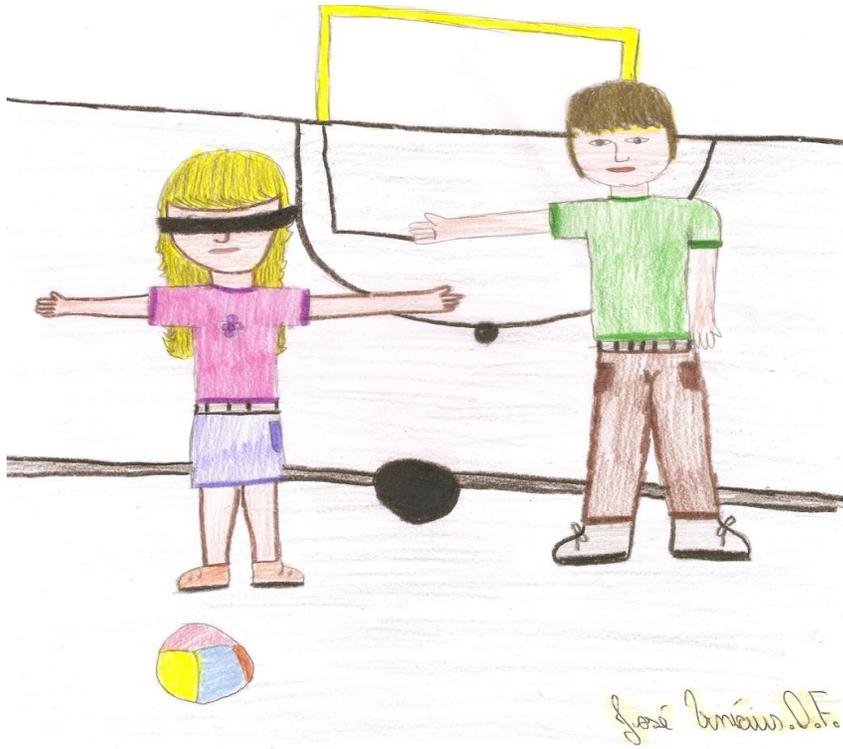
<http://www.youtube.com/watch?v=OvFP8KZJ-TU> Acessado dia: 23/02/2012

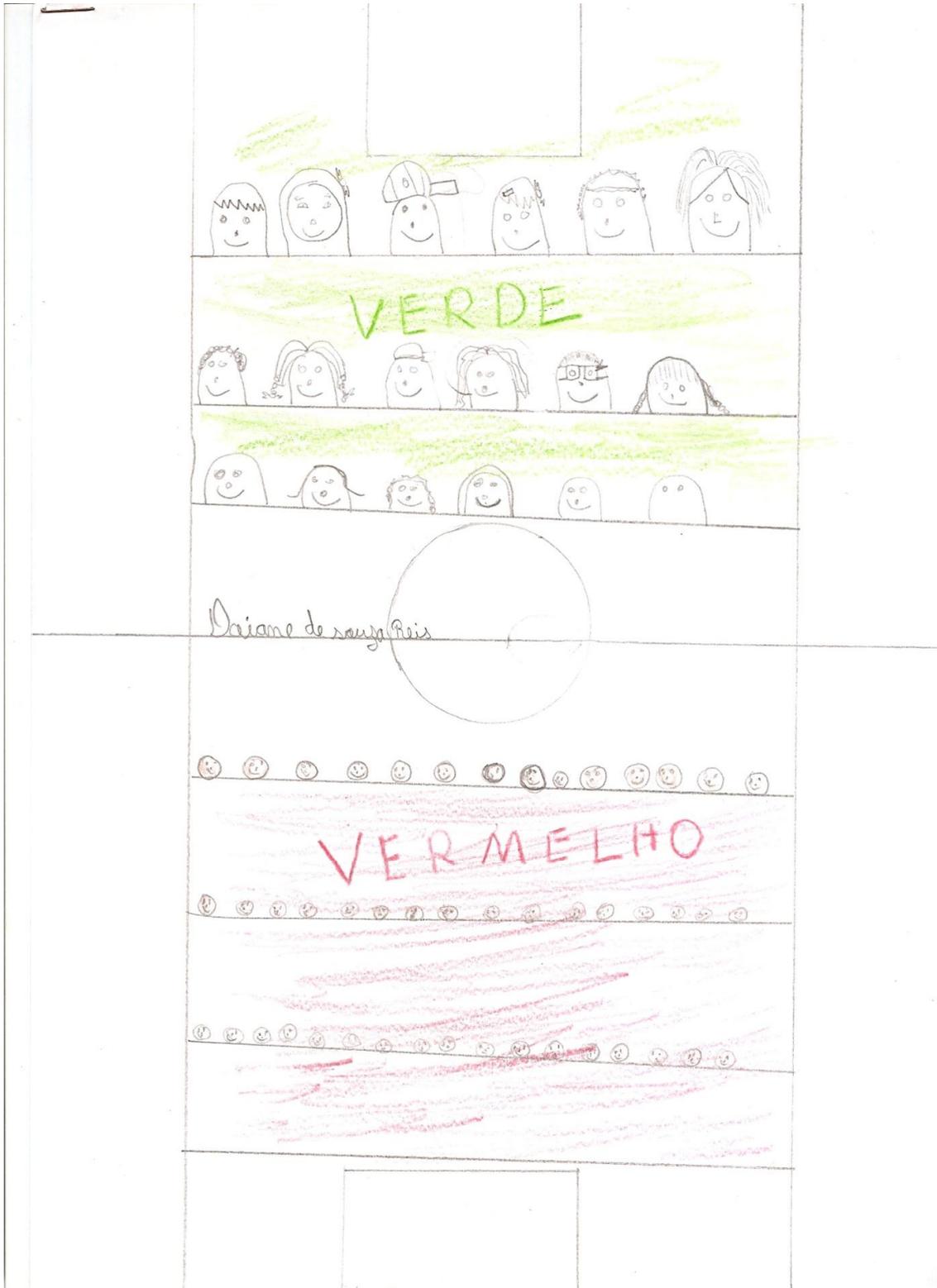
KNIJNIK, J. D. ; ZUZZI, R. P. (org.) **Meninas e Meninos na Educação Física: Gênero e Corporeidade no Século XXI.** 1 ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

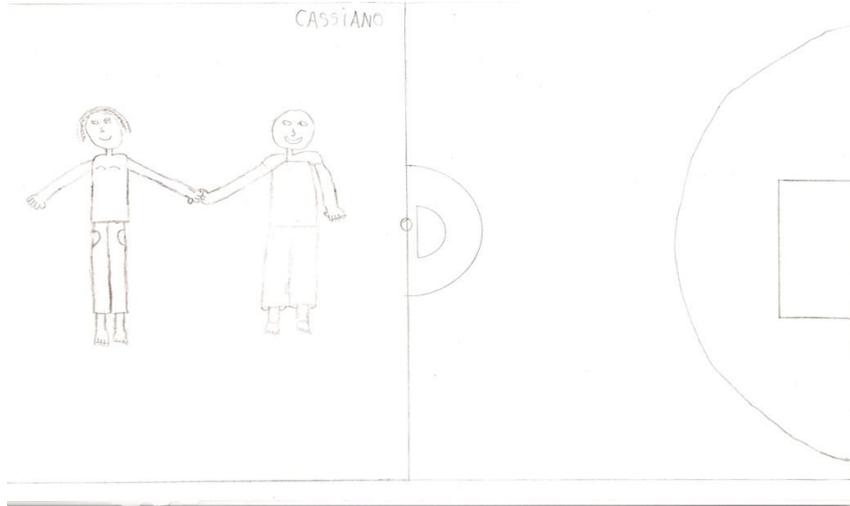
VASCONCELOS, E. G.; KNIJNIK, J. D. **Sem impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil.** In: COZAK; J. R. (org.) **Com a cabeça na ponta da chuteira- ensaios sobre a psicologia do esporte.** São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003, p.

Apêndices

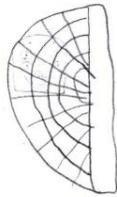








rgoro Nabeito



 Geometri

